

FATOS E NOTAS

MITOLOGIAS: O ESTUDO DA HISTÓRIA ATRAVÉS DAS GRANDES UNIDADES SIGNIFICANTES DO DISCURSO.

MARIA STELLA BRESCIANI

do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

O estudo das disciplinas ligadas à análise das modernas formas de comunicação podem ser consideradas modismo pelos que se dedicam a disciplinas mais antigas, tais como a pesquisa histórica. É, porém, para a história, em particular, que seu conhecimento se impõe como desafio, mesmo que o resultado final concretize uma refutação, parcial ou total, delas como técnicas eficientes de análise. Afinal, é com a história que aprendemos que toda moda tem fundamentos que a explicam.

Muitas das preocupações dos estudiosos em relação às formas como atualmente se processam as trocas de informações entre indivíduos e grupos, e entre estes e as instituições de uma determinada sociedade, encontram-se também na base de nossas maiores dificuldades como pesquisadores da história. A análise da forma e conteúdo da matéria que veicula a informação constitui o que em história chamamos estudo do documento. E a preocupação central é a mesma: penetrar este documento, apreender sua significação escondida sob a superfície aparente do discurso.

Entre os numerosos pesquisadores que se dedicam a essa tarefa no campo das comunicações encontra-se Roland Barthes (1) com trabalhos que se inscrevem simultaneamente nessa disciplina e na teoria da literatura. Tratar as "representações coletivas" como sistema de signos constitui o objetivo de seu projeto intelectual e para tanto

(1). — Muitos de seus estudos mais atuais são encontrados na revista *Communications*, Éditions du Seuil. Alguns números dessa revista foram traduzidos e editados pela Editora Vozes Ltda.

volta-se para a elaboração de uma Semiologia que, embora não se encontre plenamente configurada deve, por isso mesmo, “ensaiar-se, explorar suas possibilidades e suas impossibilidades”.

Consideramos que, para o pesquisador em história, será interessante investigar mais de perto o trabalho de Barthes, em especial dois livros seus recentemente editados em português: *Elementos de Semiologia e Mitologias* (2). É interessante também obedecer à sequência cronológica da elaboração desses textos, iniciando-se em Barthes pelas *Mitologias*, cuja edição francesa é de 1957, transferindo para uma segunda etapa a leitura dos *Elementos*, editado em 1964, onde o caráter teórico do discurso fica informado pelo conhecimento de suas possibilidades operacionais. Constitui este o ponto central de nosso interesse pelo autor. Ele não só oferece uma técnica de análise para “os nossos documentos”, mas também mostra sua exequibilidade executando “seu trabalho” no próprio texto de toda a primeira parte de *Mitologias*. Ficamos, assim, com o circuito completo: técnica, elaboração da análise e resultados, cujo valor podemos avaliar imediatamente, isto é, enquanto leitores.

Mitologias nos introduz no cotidiano — é bem verdade que é o cotidiano francês dos anos de 1954 a 56 — cujas minúncias são detalhadas pelo olhar atento do autor ao realizar sua leitura. Os temas tratados não possuem uma ligação necessária entre si; a escolha do material partiu de sua própria atualidade. Como ele reconhece,

“o ponto de partida desta reflexão era, o mais das vezes, um sentimento de impaciência frente ao “natural” com que a imprensa, a arte, o senso comum, mascaram continuamente uma realidade que, pelo fato de ser aquela em que vivemos, não deixa de ser por isso perfeitamente histórica: resumindo, sofria por ver a todo momento confundidas, nos relatos da nossa atualidade, Natureza e História, e queria recuperar na exposição decorativa do-que-é-óbvio, o abuso ideológico que, na minha opinião, nele se dissimula” (3).

Com essa preocupação ele se lançou ao duplo exercício de realizar uma crítica ideológica da linguagem dita de massa e um desmonte semiológico dessa linguagem, no reconhecimento de que

(2). — *Elementos de Semiologia*, Editora Cultrix-Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1971 e *Mitologias*, Difel, São Paulo, 1972 (traduções dos originais franceses: *Éléments de Sémiologie*, Ed. du Seuil, Paris, 1964 e *Mythologies* Ed. du Seuil, Paris, 1957).

(3). — *Mitologias*, pág. 7.

“não haverá denúncia sem um instrumento de análise fina” (4).

Assim passeamos criticamente pelo espaço do *catch* (luta livre) — organizadores, lutadores e espectadores; nele a luta é um espetáculo excessivo, não importando ao público que seja falseado ou não, pois seu interesse centra-se no que se vê e não no que se crê. Nesse espaço não há símbolos nem alusões, tudo é dado exaustivamente; temos configuradas

“a imagem popular e ancestral da inteligibilidade perfeita do real”.

Ainda dentro dessa visão unívoca de um universo sem duplicidade, situa-se *Júlio Cesar*, a película de Mankiewicz onde a franja de cabelos na testa característica de “sua romanidade” constitui signo ambíguo, intermediário e sem força, nem francamente intelectual e nem profundamente enraizado. O personagem de Carlitos em *Os tempos modernos* realiza, num conjunto, a ambiguidade política e a força humana. A equalização do proletário ao pobre é uma anarquia, quando encarada politicamente, mas a eficácia de seu personagem é visível, a forma como ele

“ostenta a sua cegueira ao público, de tal modo que este vê simultaneamente o cego e o seu espetáculo”

leva o espectador a

“ver alguém que, não vendo, é a melhor maneira de ver intensamente o que ele não vê”.

Esbarramos depois com o universo definido e finito da temática de Júlio Verne,

“uma espécie de cosmologia fechada sobre si mesma, com as suas categorias próprias, o seu tempo, o seu espaço, a sua plenitude e mesmo o seu princípio existencial.

Dessa maneira,

“as próprias peripécias/que/têm como função imprimir ao mundo uma espécie de consistência elástica, afastar e, em seguida, aproximar a clausura, brincar agilmente com as distâncias cósmicas, por à prova, maliciosamente o poder do homem sobre os espaços e os horários”.

(4). — *Op. cit.*, apresentação crítica feita em 1970.

compõem o gesto profundo de Júlio Verne, um gesto de apropriação incontestavelmente.

Em outro texto deparamos com o exclusivismo com que o vinho é encarado como símbolo da nacionalidade pelos franceses, o não dado da finalidade de sua utilização:

“outros países bebem para se embriagarem, e todo o mundo o proclama; na França, a embriaguês é uma consequência, a bebida é sentida como um prazer que se alastra e não como a causa necessária de um efeito procurado”.

Essa mistificação estende-se velando o caráter do vinho como produto da expropriação do solo argelino (o texto é anterior à desvinculação política da Argélia da França); onde a cultura da vinha surge como imposição a um povo que tem necessidade de suas terras para o cultivo dos alimentos básicos à sua subsistência.

Quarenta e três estudos de temas específicos compõem este quadro amplo, e mesmo assim ainda bastante incompleto, que apreende os fatos cotidianos de uma sociedade atual. A análise desses temas nos remete a partes do arsenal de mitos da vida diária e, simultaneamente, à composição e articulação dos símbolos utilizados na elaboração deles.

A segunda parte de *Mitologias* nos introduz à Semiologia através do mito. O mito é uma fala, mas não uma fala qualquer. São necessárias condições especiais para que a linguagem se transforme em mito: ele não é um objeto nem um conceito ou uma idéia, ele é um modo de significação, uma forma. Como ele não se define pelo objeto de sua mensagem, mas pela maneira como a exprime, tem limites formais, mas não substanciais. Não existe, entretanto, uma manifestação simultânea de todos os mitos, sua duração inscreve-se no tempo histórico. É uma mensagem, pode ser oral, escrita ou formada por representações (discurso oral ou escrito, fotografia, cinema, reportagem, esporte, espetáculos, publicidade). É matéria dotada de significação.

Remetido ao campo da ciência, é, segundo a definição de Saussure, uma extensão da Linguística, fazendo parte da vasta ciência dos signos — a Semiologia (5). A Semiologia é uma ciência das formas, visto que estuda as significações independentemente do seu conteúdo. Trata-se de uma ciência formal mas necessária na medida em que se

(5). — Nos *Elementos* Barthes já considera a possibilidade de inversão dessa afirmação, ou seja, a semiologia como parte da Linguística, a que se encarregaria das grandes unidades significantes do discurso.

considere caminho necessário para a síntese: a ascese da crítica, o artifício da análise; portanto sendo caminho e não fim, não devemos aterrorizar-nos frente ao formalismo. Consiste numa etapa necessária, pois se no plano da “vida” existe uma totalidade indiscernível de estruturas e de formas, a ciência precisa falar da “vida” para poder transformá-la. O que ocorre com a mitologia é que faz parte simultaneamente da semiologia, como ciência formal, e da ideologia, como ciência histórica; ela estuda idéias-em-forma.

A Semiologia postula uma relação de equivalência entre dois termos — um significante e um significado — e ainda a correlação que os une — o signo — como total associativo dos dois primeiros termos. Esse esquema tridimensional formalizado por Saussure para um sistema semiológico específico e metodologicamente exemplar — a língua —, e por Freud para a correlação instituída pelos dois termos iniciais — o sentido manifesto e o sentido latente — é utilizado também por Barthes. A peculiaridade de como o utiliza para o mito consiste em partir de um sistema semiológico que já existe — a língua, sendo, portanto, um sistema semiológico segundo. Evidencia-se então que no mito existem dois sistemas semiológicos: um sistema linguístico, a língua (linguagem-objeto) e o próprio mito (metalinguagem) uma segunda língua na qual se fala da primeira. Quanto a nomenclatura dos termos do sistema mítico temos o significante (termo final do sistema linguístico e termo inicial do sistema mítico), o significado ou conceito e a correlação dos dois primeiros formando o terceiro termo, a significação.

É ainda importante notar que os dois primeiros termos são perfeitamente manifestos, um não se esconde atrás do outro, ambos estão presentes *aqui*, pois o mito não esconde nada, tem como função deformar: a relação que une o conceito do mito ao sentido é essencialmente uma relação de deformação. Assim, o sentido existe sempre para apresentar a forma, e a forma existe sempre para distanciar o sentido. Esta condição afasta a possibilidade de contradição entre o sentido e a forma visto que nunca estão no mesmo ponto. A única possibilidade de surpreender a contradição é suspender essa junção de forma e sentido, separa-los e submete-los a um processo estático de decifração, contrariando sua dinâmica própria. Somente com esse procedimento — desmontagem estática, analítica do mito e reintegração do esquema mítico a uma história geral como correspondendo ao interesse de uma sociedade definida, passaremos da semiologia à ideologia.

E exatamente neste ponto que fica evidente o interesse da semiologia como estratégia de abordagem para a pesquisa histórica. Com ela podemos utilizar unidades de análise amplas — as grandes unida-

des significantes do discurso — seguindo as regras de uma ciência bastante estudada e desenvolvida — a linguística, sem nos atermos às unidades pequenas de análise dessa ciência, percurso às vezes estreito e penoso para a quantidade de documentos necessários para examinar fenômenos históricos bastante complexos. *Mitologias* constitui, portanto, um convite adequadamente realizado para uma exploração de suas técnicas, mais completa e sistematicamente expostas nos *Elementos*, tendo em vista a pesquisa no campo da história.